



## **Igreja em saída: compromissos e contradições na proposta missionária do Papa Francisco**

*A Church which goes forth: commitments and  
contradictions of Pope Francis' missionary propose*

**Paulo Suess\***

Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP), São Paulo, SP, Brasil

---

### **Resumo**

O magistério do Papa Francisco parece descortinar horizontes conciliares de saída de um inverno eclesial a serviço do mundo de hoje, depois de longos anos de um magistério tímido no aproveitamento das aberturas propostas pelo Vaticano II. O paradigma da “Igreja em saída” (*Evangelii gaudium* 20) inspira, não sem contradições, a possibilidade de um novo agir pastoral do encontro e da proximidade entre Povo de Deus e Igreja hierarquicamente estruturada. A “Igreja em saída” está substituindo o paradigma da “Nova Evangelização”, que remete à XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que em 2012 discutiu

---

\*PS: Doutor em Teologia, e-mail: suess@uol.com.br

sobre a nova evangelização para a transmissão da fé cristã. A *Evangelii gaudium* (EG), que deveria ser a síntese das Proposições daquele sínodo, foi muito além, inspirando uma renovada missão na Igreja. No entanto, sua implementação encontra obstáculos previsíveis.

**Palavras-chave:** Vaticano II. Missão. Papa Francisco. Hierarquia. Pobres.

### **Abstract**

*The Pope Francis' magisterium starts to prospect for the Church a hopeful leaving from wintertime, towards the service of the people, after several years signed by an ecclesiastical teaching very timid before the II Vatican Council opening. For Pope Francis, "a Church which goes forth" (Evangelii gaudium 20) is a paradigm able to inspire – despite some contradictions – the opportunity of a new pastoral action focused on encounter and major proximity between the people and the Church as hierarchical society. Indeed, the "Church which goes forth" are replacing the paradigm of the New Evangelization that refers to the XIII General Assembly of the Bishop's Synod (2012) when Bishops discussed on the new evangelization for the transmission of Christian faith. The apostolic exhortation Evangelii gaudium (EG) could be just a synthesis of synod propositions; but has been a new inspiration for the entire Church mission. Although, its application faces predictable challenges.*

**Keywords:** *II Vatican Council. Pope Francis. Hierarchy. Poor people.*

---

### **Introdução**

Depois de longos anos de um magistério tímido no aproveitamento das aberturas propostas pelo Vaticano II, o magistério do Papa Francisco parece descortinar horizontes conciliares de saída de um inverno eclesial a serviço do mundo de hoje. O paradigma da "Igreja em saída" inspira, não sem contradições, a possibilidade de um novo agir pastoral do encontro e da proximidade entre Povo de Deus e Igreja hierarquicamente estruturada.

Ao comparar “a imagem ideal da Igreja [...] com o rosto real” (EG 26) surge o desafio de uma renovação profunda. A *Evangelii gaudium* (EG) recorre a inspirações de Paulo VI (*Ecclesiam suam* 10ss) e do Vaticano II *Unitates redintegratio* (UR 6), que apresentaram “a conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo: «Toda a renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação. [...] A Igreja peregrina é chamada por Cristo a esta reforma perene»” (EG 26). Certas cristalizações de estruturas eclesiais estorvam o dinamismo evangelizador: “Sem vida nova e espírito evangélico autêntico, sem «fidelidade da Igreja à própria vocação», toda e qualquer nova estrutura se corrompe em pouco tempo” (EG 26). “A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias” (EG 27).

## O panorama

Ao contrário de suas intenções, a Igreja pós-conciliar de Wojtyła e Ratzinger, não conseguiu impor o rigor de sua disciplina na própria casa nem conter os fugitivos da Igreja católica dentro de seus muros. Com a renúncia do Papa Bento XVI, ofereceu-se ao sucessor, o Papa Francisco, a possibilidade de retomar as intenções fundantes do Vaticano II, oxigenadas pelo método indutivo da *Gaudium et spes*, que na teologia latino-americana tinha sua guardiã criativa.

### Metamorfose da “Nova Evangelização”

A “Igreja em saída” está substituindo o paradigma da “Nova Evangelização”, que remete à XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que em 2012 discutiu “A nova evangelização para a transmissão da fé cristã”. A *Evangelii gaudium* (EG), que deveria ser a síntese das “Proposições” daquele sínodo, foi muito além. Em vários itens, o Papa menciona o Sínodo (cf. EG 14, 16, 73, 112, 245), contudo, faz do seu texto não só um resumo do material herdado, mas

um escrito autônomo e programático de seu papado. Para Francisco, o foco da “nova evangelização” não são os destinatários, mas os sujeitos: “A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados [...]; não digamos mais que somos ‘discípulos’ e ‘missionários’, mas sempre que somos ‘discípulos missionários’” (EG 120), que constituem a comunidade missionária. Nela se gesta o sonho de “uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado, mais à evangelização do mundo atual, que à autopreservação” (EG 27). A “transformação missionária da Igreja” é o lugar da “Igreja em saída”. Na “transmissão da fé” da EG, a questão catequética é subordinada à vivência missionária da fé: “Não se deve pensar que o anúncio evangélico tenha de ser transmitido sempre com determinadas fórmulas preestabelecidas [...] que expressem um conteúdo absolutamente invariável. Transmite-se com formas tão diversas [...], cujo sujeito coletivo é o povo de Deus, com seus gestos e sinais inumeráveis” (EG 129).

### **Revisão histórica**

O paradigma da “Igreja em saída” exige, além de um êxodo geográfico e social, sobretudo saídas ideológicas, mudanças culturais e revisões históricas que são de longa duração. A Igreja, que perdeu sua capacidade de voar pela permanência na “gaiola pós-conciliar”, necessita de uma fisioterapia prolongada para recuperar sua capacidade de movimentar-se, de voar e de assumir corajosamente as novas necessidades pastorais.

A “Igreja em saída” não pode concentrar-se somente ao aqui e o agora da situação herdada. Ela necessita de critérios para o discernimento do passado e as prioridades do futuro. Para um sucessor provar a sua legitimidade, não bastam citações textuais dos antecessores. Às vezes, é necessário corrigir o passado imediato para conectar-se com a legítima tradição da Igreja, com sua origem e com seus mártires. A causa, pela qual alguém dá a vida, contém, geralmente, um núcleo histórico da verdade.

## **“Hospital de campanha”**

O Papa Francisco precisa de muita habilidade no discernimento de sua herança ideológica no trono de Pedro. A “Igreja em saída”, que chega às periferias, não pode chegar apenas como “hospital de campanha” (SPADARO, 2013, p. 19) sem memória. Existe também uma margem eclesial, uma marginalização pela própria Igreja, que pode ser de natureza teológica, pastoral e política. A “Igreja em saída” há de chegar também nessa periferia com a memória subversiva de Jesus, que não permite encobrir unilateralidades teológicas, marginalizações pastorais ou os ares de colonização desse passado com ramificações até o momento presente, jogando simplesmente uma pá de cal em cima.

A “Igreja em saída” é também e ainda uma “Igreja enferma pelo fechamento” (EG 49), que não pode sair apenas com uma “aspirina pastoral”, sem anamnese profunda, luto coletivo e conversão permanente. A necessidade de conversão permanente não é algo vergonhoso. É o reconhecimento da nossa historicidade como santos e pecadores, sempre guiados pela graça de Deus e por decisões e responsabilidades próprias. A conversão é a possibilidade de sanar o desajuste na relação entre graça divina e responsabilidade humana. Em sua dimensão estrutural, conversão significa “transformação”.

## **O amanhecer de uma “Igreja em saída”**

Em consequência da opção latino-americana pelos pobres, não era muito difícil convencer a comunidade eclesial da necessidade de a Igreja ser uma Igreja que opta por uma teologia indutiva, que parte da realidade concreta, e de uma Igreja de portas abertas, que permite “uma constante saída para as periferias do seu território ou para os novos âmbitos socioculturais” (EG 30; cf. 23). Quem se propõe “ser o fermento de Deus no meio da humanidade” (EG 114) está sempre em busca “de ter respostas que encorajem, deem esperança e novo vigor para o caminho” (ibid.) do povo de Deus. Essa Igreja cumpre a sua missão quando se torna “o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho” (EG 114). Para cumprir esse propósito, o Papa Francisco constrói sua visão da

Igreja em saída com sete verbos: abrir, sair, caminhar, converter (transformar), priorizar, despojar, diversificar na unidade do Espírito Santo.

“A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai” (EG 47). Essa abertura pode apontar para o espaço físico “com as portas abertas” (EG 47). Mas há outras “portas” que também não devem estar fechadas: a participação, “de alguma forma, da vida eclesial [...]. Isto vale, sobretudo, quando se trata daquele sacramento que é a «porta»: o Batismo. A Eucaristia, embora constitua a plenitude da vida sacramental, não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos. [...] A Igreja, porém, não é uma alfândega, mas a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa” (EG 47). A porta aberta é sinal de um ir e vir livre, de envio e acolhida.

### **Itinerância salvífica**

“Na Palavra de Deus, aparece constantemente este dinamismo de «saída» [...]. Abraão aceitou o chamado para partir rumo a uma nova terra [cf. Gn 12,1-3]. Moisés ouviu o chamado de Deus: «Vai; Eu te envio» [Ex 3,10], e fez sair o povo para a terra prometida [cf. Ex 3,17]. A Jeremias disse: «Irás aonde Eu te enviar» [Jr 1,7]. Naquele «ide» de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova «saída» missionária”. Como operacionalizar essa saída? “Sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias”? (EG 20).

“A Igreja «em saída» é a comunidade de discípulos missionários [...], que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam” (EG 24). O modelo dessa missionariedade é a itinerância do próprio Jesus. “A intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão «reveste essencialmente a forma de comunhão missionária»” (EG 23).

O dinamismo missionário da Igreja se dirige a todos, mas o Evangelho indica prioridades, porque somos enviados “sobretudo aos pobres e aos doentes, àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, «àqueles que não têm com que te retribuir» [Lc 14,14]” (EG 48). “Deus «manifesta a sua misericórdia antes de mais» a eles. Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos [...] Inspirada

por tal preferência, a Igreja fez uma opção pelos pobres” (EG 198). A preferência de destinatários pobres exige uma prioridade de preocupações.

### **Ao encontro dos pobres**

O autor da EG sonha com “uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, do faro da fé, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles” (EG 198). “A Igreja não evangeliza, se não se deixa continuamente evangelizar” (EG 174) pelos pobres. “A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: [...] a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles” (EG 198).

Concretamente, é o desejo de ser “uma Igreja pobre para os pobres” (EG 198), que nos impede de cultivar “um cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja” (EG 95), sem a preocupação de “que o Evangelho adquira uma real inserção no povo fiel de Deus e nas necessidades concretas da história” (EG 95). Facilmente, a ministerialidade pode transformar-se “num funcionalismo empresarial, [...] onde o principal beneficiário não é o povo de Deus mas a Igreja como organização” (ibid.).

### **Sabedoria prática**

A proposta da “Igreja em saída”, com ramificações nas suas práticas cotidianas, por hora, é mais assumida nos documentos das Igrejas locais do que nas suas práticas pastorais. As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE/2015), por exemplo, assumem a dimensão cristológica do paradigma da “Igreja em saída” como pressuposto da encarnação: “Viver o encontro com Jesus Cristo implica necessariamente amor, gratuidade, alteridade, unidade, eclesialidade, fidelidade, perdão e reconciliação” (DGAE/2015, n. 15). Falta, porém, mais audácia e coragem de transformar as Diretrizes em propostas concretas de uma

“Igreja em saída”. Por ocasião da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), em seu discurso aos Bispos do Brasil, sábado, 27 de julho de 2013, o Papa cobra essa coragem do episcopado brasileiro: “É preciso ter a coragem de levar a fundo uma revisão das estruturas de formação e preparação do clero e do laicato da Igreja que está no Brasil. Não é suficiente uma vaga prioridade da formação, nem documentos ou encontros. Faz falta a sabedoria prática de levantar estruturas duradouras de preparação em âmbito local, regional, nacional [...]” (JMJ/CNBB, p. 67).

### **Obstáculos, ambivalências, contradições**

A Igreja “em saída” encontra obstáculos previsíveis. O Papa Francisco prefere “uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. [...] Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta” (EG 49). A Igreja “enlameada” pelo encontro com os sobreviventes das lutas sociais não está em contradição com a Igreja imaculada. É a Igreja dos mártires que vem da grande tribulação e que lavou “as suas vestes no sangue do Cordeiro” (Ap 7,14). A saída exige “prudência e audácia” (EG 47), “coragem” (EG 33, 167, 194) e “ousadia” (EG 85, 129). Audácia, coragem e ousadia podem ser prudentes? O papa responde: “Ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa” (EG 24)!

### **Imperativos de vigilância**

Nos imperativos da EG percebe-se resistências internas à “Igreja em saída”. A quem se dirige o Papa Francisco ao nomear essas tensões ou para estimular sua própria vigilância? Com quem pode contar nessa luta *ad intra*?



- “Não deixemos que roubem nosso entusiasmo missionário!” (EG 80).
- “Não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!” (EG 83).
- “Não deixemos que nos roubem a esperança!” (EG 86).
- “Não deixemos que nos roubem a comunidade!” (EG 92).
- “Não deixemos que nos roubem o Evangelho!” (EG 97).
- “Não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno!” (EG 101).
- “Não deixemos que nos roubem a força missionária!” (EG 109).

Quem ameaça o Evangelho, a alegria da evangelização, a esperança, o amor fraterno, a comunidade, a força e o entusiasmo missionários? Quem são os inimigos internos da Igreja?

### **Contradições no Sínodo**

No Sínodo dos Bispos reunidos na XIV Assembleia Geral Ordinária, sobre “A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo”, se mostrou a contradição entre a Eucaristia “alimento para os fracos” e mediadora da graça, e uma compreensão da participação na mesa eucarística que já pressupõe o estado de graça. Resumidamente: Os divorciados que vivem em segundo casamento, podem comungar ou não? A demonstração teológica que a comunhão nessas circunstâncias não significa abrir mão da indissolubilidade do sacramento matrimonial, mas sim, o reconhecimento da vulnerabilidade desse sacramento, ainda não encontrou um consenso eclesial.

Em seu discurso de encerramento (24.10.2015) do sínodo, o Papa Francisco se referiu, delicadamente a essas discordâncias, criticando a “hermenêutica conspiradora”, “a perspectiva fechada” e “métodos não inteiramente benévolos”. Tratam-se de modelos eclesiais quase opostos. Diante da ameaça de uma cisma, o Papa Francisco e o setor eclesial que ele representa, são obrigados a recuos estratégicos.

### **Thomas Münzer**

Quem são esses assaltantes e ladrões que querem roubar as dádivas da nossa fé? Quem são os que se opõem a uma “Igreja em saída”? Às

vezes, o Papa parece ser prisioneiro da própria instituição que representa. Friedrich Engels lamenta a sorte de um líder de um movimento revolucionário, como a do teólogo da revolução, Thomas Münzer (1490-1525), cuja consciência é mais avançada do que a do povo que representa: "O pior que pode acontecer [...] é ser forçado a encarregar-se do governo num momento em que o movimento ainda não amadureceu suficientemente [...]. O que ele pode fazer, contradiz seus princípios [...], o que ele deve fazer, é impossível de realizar. [...] Quem chega nessa situação, está irremediavelmente perdido" (ENGELS, 1975, p. 142s.). A fragilidade do Papa Francisco, provavelmente, está em sua pertença a dois setores que ele representa, no povo simples e desorganizado, que tem pouca representatividade na Igreja; mas está também no setor ao qual ele mesmo pertence, na hierarquia integrada em estruturas cristalizadas. Dos trilhos de representação (do povo de Deus) e pertença (à estrutura hierárquica) que deveriam, no sonho de Francisco, dar sustento ao monotrilha de uma "Igreja pobre para os pobres" (EG 198) ou melhor, para uma "Igreja pobre dos pobres", emergem contradições, conveniências, opções pelo mal menor.

### **Pedido de perdão na Bolívia**

Em seu discurso aos movimentos populares na Bolívia, dia 9 de julho de 2015, o Papa Francisco pediu perdão aos povos indígenas pelos "muitos e graves pecados contra os povos nativos da América, em nome de Deus". O papa pede "humildemente perdão, não só para as ofensas da própria Igreja, mas também para os crimes contra os povos nativos durante a chamada conquista da América" (cf. sítio do Vaticano, 09/07/2015, n. 3.2.).

Ao pedido de perdão segue, como é costume em documentos que passaram pela "revisão" curial, um "porém" sobre a graça que superabundou na desgraça, um autoelogio eclesial sobre "tantos bispos, sacerdotes e leigos que pregaram e pregam a boa nova de Jesus com coragem e mansidão". Estes arautos da evangelização, segundo o mesmo discurso de Francisco, "deixaram impressionantes obras de promoção humana e de amor, pondo-se muitas vezes ao lado dos povos indígenas ou acompanhando os próprios movimentos populares mesmo até ao martírio", não sem lembrar que "a nossa fé é revolucionária, porque a nossa fé desafia a tirania do ídolo dinheiro".

No descompasso do “pedido de perdão” ao lado da “autorreferencialidade”, colocando lado a lado posturas da teologia e pastoral da libertação do século XX e “impressionantes obras de promoção” do século XVIII, que fizeram os índios trabalhar no regime da encomenda colonial, percebe-se que o Papa permitiu enxertos em seu discurso que o enfraqueceram profundamente. A teologia colonial considerou os índios não como sujeitos de culturas, mas como objetos da natureza e por isso os chamou de “*los naturales*”. O dominicano Bartolomé de las Casas documentou as crueldades genocidas dessa conquista. Sua luta contra a exploração da força de trabalho dos índios e a de Antonio Montesinos, foram lutas solitárias (LAS CASAS, 1984; SUESS, 1992).

### **Canonização de Junípero nos Estados Unidos**

Ao pedido de perdão na Bolívia, acompanhado pelo aplauso dos índios presentes no evento, segue, sob o protesto de muitos indígenas dos Estados Unidos e do México, a canonização de Frei Junípero Serra, no dia 23 de setembro em Washington.

Quem era o franciscano Junípero (1713-1784) e a quem serve sua canonização? Filho de pequenos agricultores, nasceu em Petra, na Ilha Maiorca. Tornou-se franciscano e chegou a lecionar teologia na Universidade de Palma. Em 1749, Junípero chega com 20 frades no Vice-Reino da Nova Espanha (México). Depois da expulsão dos jesuítas da Nova Espanha (1767/68) por Carlos III, os franciscanos assumem, sob a responsabilidade de Junípero Serra, o cuidado dos indígenas na península Baixa Califórnia, que na época ainda pertencia ao império da Espanha. Os frades percorreram os vastos territórios de presença indígena, ergueram capelas e cabanas, convidaram os índios a morarem perto para poder ensiná-los catequese e fixa-los à terra através de noções de agricultura e pecuária. Os confrades de Junípero se tornam fundadores de uma vasta rede de missões nas quais os índios, progressivamente, passaram de donos da terra para inquilinos das missões onde eram forçados a ficar e trabalhar. Quem fugiu, foi trazido de volta por soldados e castigado.

Hoje, os índios falam de “atrocidades”, “etnocídio” e “mitologia das missões”, criada pelos não indígenas da elite católica regional, que propulsou a canonização de Junípero Serra. Andrew Galvan, historiador e curador da “Missão Dolores”, fundada por Junípero em 1776, pergunta: “Se eu sei o que aconteceu com os meus antepassados, como posso ser devoto de Junípero Serra?” E Galvan cita uma carta “na qual o padre Serra ordenava chicotadas para os índios desobedientes” (POGASH, 2015; REESE, 2015).

Desde que o Papa Bento XVI, por ocasião da beatificação de João Paulo II, esclareceu que a pessoa beatificada ou canonizada necessita ter vivido apenas uma virtude heroicamente, não precisamos discutir a santidade de Junípero que, certamente, mais de uma virtude viveu heroicamente. O que precisa ser discutido é a oportunidade de sua canonização. Muitos dos “Santos Padres”, por exemplo Agostinho e Ambrósio, hoje, seguramente, não seriam mais canonizados devido a muitos dos seus sermões e atitudes antijudaicas.

Portanto, a pergunta correta no contexto da canonização de Junípero é: *Cui bono* (a quem beneficia)? Um Santo Junípero vai fortalecer as lutas dos povos indígenas hoje ou vai legitimar o paternalismo e autoritarismo dos seus tutores e enfraquecer as lutas dos povos indígenas pelo reconhecimento de seus direitos, de suas culturas e por sua autodeterminação?

### **Considerações finais: Condor ou Avestruz?**

Depois de um longo inverno eclesial, o Papa Francisco foi eleito para devolver à Igreja a esperança da primavera. O papa dos Pampas Argentinos nos falou, em muitas ocasiões, do óbvio, dos vícios burocráticos enraizados, de doutrinas cristalizadas e da necessidade de mudanças. As mudanças climáticas de agora exigem inovações práticas. Com quem ele pode fazer essas reformas?

Como um Condor, em voo livre, Francisco desceu dos Andes latino-americanos e pousou nas colinas de Roma, onde se encontrou com avestruzes que não sabem voar. Quando aparecem dificuldades, eles correm ou escondem sua cabeça na areia.

Em seu discurso final, no último dia do Sínodo (24.10.2015), o Papa se refere à essa “cabeça na areia” de sinodais e colaboradores curiais: precisamos abordar as dificuldades, disse o Papa “sem medo e sem esconder a cabeça na areia”.

A metáfora explica muitas dificuldades de Francisco e ele nos pergunta: “Como posso trabalhar com avestruzes, que não sabem voar, que correm, na hora do perigo, e escondem a cabeça na areia”? “Como posso trabalhar com gente sem sonhos e consciências anestesiadas? Com colaboradores que tem medo de tudo e procuram a sua salvação na fuga? Com um clero que não quer ver as realidades e põe a cabeça na areia”?

O paradigma da “Igreja em saída” não é uma receita nem aponta para um aplicativo virtual. É um horizonte que nos faz caminhar em meio a pedras e sonhos.

## Referências

- ENGELS, F. *As guerras camponesas na Alemanha*. Editorial Presença: Lisboa, 1975.
- LAS CASAS, F. B. de. *Brevíssima relação da destruição das Índias: O paraíso destruído*. L&PM: Porto Alegre, 1984.
- POGASH, C. “Índios dos EUA levantam dúvidas sobre a santidade de Junípero Serra”. In: *The New York Times*, 21/01/2015, republicado em *IHU Notícias*, 23/01/2015.
- REESE, T. “Junípero Serra, santo ou não?”. Entrevista com Roberto Senkewicz. In: *National Catholic Reporter*, 15/05/2015, republicado por *IHUNotícias*, 28/05/2015.
- SPADARO, A. *Entrevista exclusiva do Papa Francisco*. Paulus/Loyola: São Paulo, 2013.
- SUESS, P. (org.). *Conquista espiritual da América Espanhola: 200 documentos – Século XVI*. Vozes: Petrópolis, 1992.

Recebido: 20/09/2016

Received: 09/20/2016

Aprovado: 13/11/2016

Approved: 11/13/2016

